

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS INSTITUTO DE ESTUDOS DA
LINGUAGEM**

JACQUELINE MESSIAS DOS SANTOS

A IMAGEM DA MULHER LÉSBICA NA PORNOGRAFIA:
ANÁLISE DE ETIQUETAS

Campinas

2018

JACQUELINE MESSIAS DOS SANTOS

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português. Orientador: Prof^a Dr^a Rodrigo Esteves Lima-Lopes

Campinas

2018

À Maria Judith e Anísio Messias, tudo que sou:
ensinaram-me a olhar para o outro com amor.
À Júlia Dias, a primeira: agradeço por tudo
ajudando a afirmar sua existência no mundo.
Ao Giovanne Lucas Mariano, *my stranger*: que
me tirou do eixo e me instigou.
Vocês tornam possível as partes mais
fundamentais dessa pesquisa(dora).

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Rodrigo Esteves Lima-Lopes, pela paciência, por ter aceitado o desafio e por me mostrar que a linguística pode estar nos lugares onde menos se espera.

A Maristela e Giulia, duas mulheres que admiro, por terem aceitado o convite para avaliar esse trabalho, tenho certeza que farão ricas contribuições para minha vida acadêmica.

Ao Instituto de Estudos na Linguagem, que me esperou depois de eu tanto relutar.

A Mariana e Érica, que me destruíram com toda a suavidade possível, para que eu me remontasse, tantas e tantas vezes, e para que assim se tornasse possível fazer arte.

A todos os meus amigos, presentes ou não atualmente, que me acolheram ou não, tornando o percurso suportável, divertido e realista.

A todos aqueles que compartilharam suas histórias comigo, que me permitiram viver e enxergar a pesquisa e a academia de outra forma.

A todas as lésbicas que lutam pela sua própria existência e visibilidade diariamente com tanta força, espero ter contribuído um pouco para essa luta tão difícil.

Ao sofrimento obscuro e cru da vida, que junto à minha curiosidade, fazem de mim acadêmica, poeta, psicanalista e halterofilista.

“Pensar o corpo como construído nos exige repensar o próprio significado de
construção”

Judith Butler

“Sex contains all, bodies, souls,
Meanings, proofs, purities, delicacies, results, promulgations,
Songs, commands, health, pride, the maternal mystery, the seminal milk,
All hopes, benefactions, bestowals, all the passions, loves, beauties, delights of the
earth,
All the governments, judges, gods, follow'd persons of the earth,
These are contain'd in sex as parts of itself and justifications of itself.”

Walt Whitman

“A sexualidade não é o problema, ela é o lugar ao qual os problemas se asfixiam.” -

Maria Lúcia Homem

Resumo

Este trabalho tem por objetivo estudar as etiquetas de busca e indexação de um endereço eletrônico de materiais pornográficos, denominado Pornhub. O relatório anual do Pornhub (2018) acusa a etiqueta *lesbian* como mais acessada pelo terceiro ano consecutivo, mostrando que o interesse do público por vídeos relacionados a essa etiqueta vem aumentando. De modo a compreender a objetificação do corpo da mulher lésbica no mercado da indústria pornográfica, o presente trabalho pretende apresentar uma reflexão sobre como a combinação entre a etiqueta *lesbian* com outras etiquetas deste mesmo site. Para isso, a metodologia baseia-se na Análise de Redes do físico Duncan Watts (2003), que tem como objetivo organizar as informações a partir do ponto de vista quantitativo na forma de redes conectadas. A relação entre as etiquetas, por sua vez, foi analisada a partir dos conceitos de sexualidade e heteronormatividade de Foucault (1984) e Butler (1990). Diante disso, as etiquetas são organizadas de forma que se conectem entre si e formem, assim, uma rede de significados, que são chamadas de grafos. Os resultados indicam que as relações entre as etiquetas formam uma rede de significados que fetichizam e criam estereótipos e estigmas em torno da mulher lésbica, através de termos que categorizam o corpo e as práticas associadas a essa orientação sexual.

Palavras-chave: Pornografia, Linguística de Corpus, Gênero, Sexualidade, Ciência de Redes

Abstract

This work aims to study indexing and searching tags from an electronic address with pornographic materials, known as PornHub. The annual report of Pornhub (2018) accuses the tag lesbian as more accessed for the third consecutive year, showing that the public interest in videos related to this tag is increasing. In order to understand the objectification of the lesbian woman's body in the pornographic industry market, the present work intends to reflect about the combinations between the tag lesbian with other tags in the mentioned site. The methodology follows The Network Analysis of the physicist Duncan Watts (2003) whose objective is to organize the information from the quantitative point of view in the form of connected networks, and the data analysis is based on the concepts of sexuality and heteronormativity of Foucault (1984) and Butler (1990). Therefore, the tags are organized in a way that connects each other forming a network of meanings, which are called graphs. The results indicate that the tag's relations form a network of meanings that fetishize and create stereotypes and stigmas around lesbian women, through terms that categorize the body and practices associated with that sexual orientation.

Keywords: Pornography, Corpus Linguistics, Gender, Sexuality, Network Science

Sumário

1. Introdução	8
2. Motivação da pesquisa e o Mercado da Pornografia	9
3. Pornografia: uma breve contextualização	13
4. Fundamentação teórica.....	17
a) Ciência das Redes.....	17
b) Linguística de Corpus.....	18
c) Perspectivas de gênero e sexualidade	20
d) Pornografia, sexo e linguagem	21
5. Metodologia	23
a) Coleta e descrição do corpus.....	23
6. Análise de dados	27
a) Tag cloud Geral Pornhub.....	27
b) Rede geral (Lesbians)	30
c) Análise dos dados por clusters	33
7. Considerações finais.....	44
Referências	45

1. Introdução

A presente pesquisa encontrou na pornografia um contexto interessante e diferenciado para olhar a linguagem e as formas em que ela está presente em materiais de conteúdo sexual explícito. Além de um vocabulário específico para tratar dessas questões em ambiente web, diversas questões apareceram e foram mensuradas de forma quantitativa ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Em primeiro plano, tratou-se da contextualização da pornografia. Apesar de ser um grande mercado, continua crescendo e ampliando de maneiras que acompanham as demandas de estímulos visuais sexuais. Porém, outros pontos surgem com esse crescimento, como as influências comportamentais e as diferentes políticas desenvolvidas ao longo dos anos para lidar com as intempéries ocasionadas pelo consumo em massa e do mercado do sexo, utilizando-se de dados numéricos para ter-se um panorama de consumo mercadológico.

Em seguida, pretendeu-se fazer uma breve reflexão sobre a história da pornografia, escolhendo alguns destaques que, de alguma forma, cruzaram com o caminho das análises ou foram essenciais para a construção de um caminho para entender as mudanças dos elementos que simbolizam os limites do pornográfico e do erótico.

Após essa reflexão, a fundamentação teórica contribui para a composição um cenário sobre as as perspectivas utilizadas ao longo de todo o percurso dessa pesquisa. A Ciência das Redes e a Linguística Computacional contribuíram para um olhar metodológico quantitativo perante os dados colhidos, e os teóricos de gênero e sexualidade contribuíram para um olhar pós estruturalista para entender e analisar esses dados e as conclusões e reflexões geradas a partir de todo o percurso da realização da pesquisa.

2. Motivação da pesquisa e o Mercado da Pornografia

A escolha do material para análise dessa pesquisa se motivou e se fundamentou pelo fato da sexualidade na cultura Ocidental ser um tabu, apesar das novas mídias digitais disponíveis e do compartilhamento massivo de dados. Criamos novas formas de expressarmos e, ainda assim, escondemos o que não está dito: “criam-se a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz”. (FOUCAULT, p.38, 2015)

A contradição do discurso pornográfico é evidente quando olhamos os dados de acesso. O crescimento da popularização da internet tem contribuído para o aumento do consumo de pornografia. De acordo com o site Cetic¹, de indicadores da internet no Brasil, dentre o que é consumido na internet, os materiais pornográficos são um dos conteúdos mais acessados atualmente. Além disso, de acordo com a pesquisa² apresentada no congresso da Associação Americana de Pediatria (APA) realizada a partir de entrevistas com estudantes, a exposição a diversos conteúdos explícitos inicia-se desde muito cedo. A discussão sobre o assunto não é recente. A centralidade da pornografia já esteve sob o olhar do ex presidente americano Ronald Reagan que, de acordo com Costa (2013), criou regulações sobre a sexualidade nos anos 80, nas quais o aparato jurídico-legal justificava, através de estatísticas enviesadas e com fundamentação metodológica duvidosa, diversas recomendações assépticas sobre a incitação do consumo desse tipo de material. Esse documento provocou a mobilidade da população, o que acabou gerando uma cruzada política antipornográfica.

Como uma forma de percepção disso, os números de acesso ao site Pornhub (2018), nos relatórios de 2016 e 2017, apresentam, respectivamente, cerca de 23 e 28,5 bilhões de acessos. Esses números, além de revelarem o grande fluxo de procura por esse tipo de material no site, revelam também o aumento da procura ao compararmos a quantidade de acessos nos dois anos. Além disso, em 2017 foram feitas cerca de 800 pesquisas por segundo na barra de buscas do site, e um total de

¹ <http://data.cetic.br/cetic/explore>

² <https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/efe/2017/08/04/consumo-precoce-de-porno-aumenta-probabilidade-de-misoginia-aponta-estudo.htm>

595.482 horas de vídeo foram enviadas para ele, o que gira em torno de 68 anos de pornografia, se colocadas em fluxo contínuo de exibição.

O Pornhub (2018) completou 10 anos de existência em 2017, com cerca de 22 milhões de usuários registrados e, na totalidade dos termos mais buscados pelo site durante todos esses anos, segundo o relatório comemorativo de aniversário, estão alguns como: *lesbian, milf, teen, mature, ebony* e *big tits*. Dentre os termos mais buscados de 2017, além dos citados acima, encontramos algumas relações parentais, como *step mom, step sister* e *mom*, bem como algumas etnias como *asian* e *korean*. Além disso, podemos destacar outros termos buscados como desenhos animados, *spinner, ASMR* e *hentai*.³

Diante dos dados expostos sobre o consumo de pornografia, bem como a precoce e numerosa exposição do usuário de navegação web a esse material, pode-se perceber que a construção da identidade é permeada por uma exposição à violência explícita. Em Bridges *et al.* (2010), é possível perceber, através de análises feitas das cenas de vídeos pornô, que estão presentes, recorrentemente, situações como: simulações de agressões físicas, fetiches excêntricos com elementos do mundo infantil, como desenhos animados, ou com determinadas características físicas, e cenas com elementos degradantes que referenciam diretamente elementos inter-raciais, étnicos e femininos.

Acredita-se, então, que o consumo desse tipo de conteúdo influencia o comportamento sexual, pois as práticas sexuais e as constituições de objeto de desejo sexual acabam sendo suggestionadas, porque, segundo Foucault (2015, p. 35): “a austeridade sexual pode ser praticada por meio de um longo trabalho de aprendizagem, de memorização, de assimilação de um conjunto sistemático de preceitos e através de um controle regular da conduta”. Ou seja, a pornografia se torna um conjunto de regras sexuais e de prazer disponível para o consumo imediato de forma rápida e eficaz, condicionando o desejo a uma realidade inexistente, pois os cenários e enredos dos vídeos são incoerentes com o sexo não virtual.

A possibilidade do rápido acesso à internet por meio da portabilidade tecnológica é extremamente individualizada “Essa nova forma de atopia também vem reforçar o caráter solitário do consumo.” (MAINGUENEAU, 2010, p.99), o que

³ A definição dos termos será feita futuramente na análise das etiquetas.

vai na contramão da cultura anterior de compartilhamento e repasse de fitas VHS, livros e revistas. O próprio Pornhub expõe que dispositivos móveis, como os smartphones, por exemplo, que significam cerca de 67% do tráfego do site, são as principais mídias nas quais se acessam os vídeos.

Segundo o site Safernet⁴, em 2016 o Pornhub ocupou o terceiro lugar no ranking de páginas mais denunciadas por conter materiais de pornografia infantil. O Brasil aparece ocupando o terceiro lugar nas estatísticas dos países que apresentaram os locais de origem do material denunciado. Ademais, o Pornhub também ocupa o 37º lugar no ranking de sites mais acessados no mundo, de acordo com o site Alexa⁵, da Amazon. O site é o primeiro de material pornográfico que aparece na lista, seguido do Xvideos, que ocupa o 45º lugar, ultrapassando outros domínios como Ebay (38º), Aliexpress (48º) e o site de buscas Bing (44º). Isso demonstra o lugar de centralidade que a pornografia ocupa no número de acessos em nosso país e no mundo, inclusive de forma preocupante, devido ao número de denúncias envolvendo pornografia infantil.

Diante do contexto apresentado, e do fato de que a etiqueta *lesbian*⁶ alcançou grande visibilidade na pornografia nos últimos anos, demonstrando assim que há grande procura pelo tipo de vídeo que essa etiqueta costuma estar associada, o objetivo do trabalho é compreender as relações entre as buscas mais acessadas no site de conteúdo pornográfico Pornhub (2018) no ano de 2018 e a mulher lésbica existente na pornografia. Para isso, foi utilizada a metodologia de Ciência das Redes e Linguística de Corpus para a construção do corpus e de grafos, partindo do princípio que: “as redes sociais são metáforas para os estudos dos agrupamentos sociais” (RECUERO, 2014).

Apesar do corpus oferecer evidências, ele é limitado e não pode dar outras informações além disso. Portanto, utilizou-se de outras referências teóricas para compor as análises: “são os linguistas que produzirão novas informações, teóricas ou aplicadas, a partir do corpus.” (OLIVEIRA, 2009, p. 49). Em seguida, após a coleta e organização do corpus, os dados foram analisados e, a partir deles, foram traçadas hipóteses, encontrando comportamentos padronizados entre as conexões

⁴ <http://indicadores.safernet.org.br/>

⁵ <https://www.alexa.com/topsites>

⁶ A definição de etiquetas será desenvolvida posteriormente.

que caracterizam a representação da mulher lésbica na pornografia através das etiquetas.

Apesar de existirem pesquisas sobre pornografia, inclusive algumas já citadas anteriormente, sobre a organização dos dispositivos da escrita pornográfica, como Maingueneau (2010), que reflete a respeito da violência explícita não mediada, em Bridges et al. (2010), que tem como tema as problemáticas feministas que envolvem violência e representatividade, como em MacKinnon (1991), e etnografia de sites pornográficos como Santos e Mendonça (2016), não existem investigações específicas sobre as etiquetas que acompanham os vídeos, bem como todos os termos que categorizam os materiais de conteúdo pornográfico explícito.

A investigação que propõem-se a fazer é relevante, por ser uma das primeiras a explorar as forma de caracterização e indexação de um material que tem se colocado deveras relevante em nossa presente sociedade cada vez mais conectada, alcançado muitos acessos pelo mundo, por ainda não haver olhares direcionados especificamente para questões de minorias políticas presentes nos vídeos e analisadas linguisticamente através das etiquetas.

Devido ao grande número de acessos a vídeos de conteúdo erótico e pornográfico explícito que tem crescido nos últimos anos, acredita-se que compreender os conceitos gênero e sexualidade e outros possíveis discursos presentes na pornografia possa contribuir para a fluência sobre esse tipo de conteúdo que, apesar de dividir opiniões quanto aos seus impactos, está presente na sociedade, inserido nos diversos meios tecnológicos de forma disseminada.

3. Pornografia: uma breve contextualização

A produção de materiais que representassem os atos sexuais entre as pessoas sempre existiu. Ao longo da história da arte, por exemplo, podemos citar Gustav Courbet, Jérôme Bosch e Michelangelo como artistas que já foram taxados de pornográficos devido ao fato de expressarem algo que faz parte da natureza humana. Um dos livros mais antigos e populares que trata da sexualidade com maior objetividade é o Kama Sutra, que data de cerca de 100 a 400 d.C.

Como definição, todo conteúdo erótico é considerado explícito, mas o limite entre a arte erótica e a pornografia vai cambiando de significados ao longo dos anos, e as definições de obscenidade também. Na literatura, temos o romance *Madame Bovary* (1856) de Gustave Flaubert⁷, que foi considerado inapropriado por conta de diversas cenas que continham elementos que sugestionaram uma possível relação sexual entre as personagens. O romance chegou a ir para julgamento e teve partes censuradas, como por exemplo, o adultério contido no livro. Dessa forma, o significado do que é erótico e pornográfico está de acordo com os valores morais da época a que se refere⁸.

Os anos 80 foram uma época na qual os debates envolvendo a pornografia foram acirrados. De um lado, uma verdadeira cruzada anti-pornografia do governo Reagan, de outro, os movimentos feministas se dividiam em prós e contras o consumo de pornografia. A associação, nesse momento histórico, da pornografia, do sexo não-marital e da AIDS, bem como a homossexualidade e o uso de drogas, culminaram, por exemplo, no slogan “Pornografia é a teoria, estupro é a prática” da campanha de Susan Brownmiller, jornalista norte-americana e ativista feminista, no qual a questão de saúde e segurança são diretamente associadas ao consumo desse tipo de material. Tudo que não pertencia à construção de sexualidade heterossexual também foi considerado obsceno e perigoso.

No Brasil, recentemente, a exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* deixou claro que o limite entre arte e pornografia são turbulentos. Os conceitos do que pode ser considerado explícito demais a ponto de gerar um incômodo coletivo, o conservadorismo ou a apreciação da beleza da

⁷ Romance que retrata os enfados, traições, maternidade e outras situações sociais de uma jovem esposa burguesa na França.

⁸ <https://homoliteratus.com/o-aspecto-subversivo-da-pornografia/>

natureza humana são lugares de muitas discussões e poucas definições. Através da Ciência de Redes, Lima-Lopes (2017) mostra a repercussão da exposição, na qual ressalta que: “poucos são os argumentos de crítica em relação à exposição; a grande maioria dos comentários reflete uma direta agressão ao museu, curadores e artistas expositores.” Dessa forma, podemos ver nesse exemplo atual na arte brasileira contemporânea uma forte crítica à abordagem do assunto, antes mesmo de se criticar o conteúdo, ou seja, o silêncio conservador em torno das questões que envolvem gênero e sexualidade no mundo atual.

Ao trabalhar com esse limite entre o erógeno e o pornográfico, encontramos um binarismo que não transparece a obscuridade do tema. A separação do erótico e do pornográfico nada mais é do que “um exercício de violência simbólica para legitimar ou não determinadas representações sobre sexo e sexualidade.” (LEITE JR, 2009, p. 1). Em relação aos vídeos de conteúdo pornográfico disponíveis na internet, podemos defini-los como: “a exibição gráfica de materiais sexuais” (PAULO; RIBEIRO, 2017, p. 323)

No entanto, o que chama a atenção, como visto nos números anteriormente apresentados, é a movimentação que a indústria pornográfica possui. Ela trabalha com o sexo *prêt-à-porter*, o consumo, que, atualmente, é portátil e rápido, nascendo do “discurso obsceno sob o viés da cultura de massas e do entretenimento”. (LEITE JR, 2009, p.4), Esse instrumento de banalização do sexo nasce da transmutação dos negócios que envolviam a venda de objetos de fetiche. Ao citar Karl Marx, Leite Jr (2009, p.4), constata que “o criador do “socialismo científico” ao analisar a mercadoria como fetiche (o poder “mágico” que mascara relações sociais), não previa o “fetiche” (objeto capaz de evocar volúpia e sensualidade erótica) como mercadoria.” Diante disso, a indústria pornográfica pode ser definida a partir do primeiro reconhecimento de comercialização do sexo. (PINTO; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 375)

Outra questão que aparece em relação à pornografia é a etiqueta *porn for woman*, que aparece dividindo opiniões. Os vídeos criados por mulheres tendo como foco o prazer feminino têm ganhado cada vez mais mercado⁹, criando até o *The Feminist Porn Awards*, prêmio criado pela *sex shop* canadense *Good For Her* para premiar as melhores produções. A roteirista e produtora Érika Lust pode ser citada

⁹<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/porno-feminista-ganha-espaco-no-mercado-de-filmes-adultos-do-brasil-mulheres-tambem-gostam-de-sexo.ghtml>

como exemplo em relação ao seu pioneirismo da pornografia feminista. Suas produções procuram não só se diferenciar dos clássicos ambientes cenográficos da pornografia clássica, como a vestimenta, o ângulo da câmera e o vocabulário violento, mas também incluir mais mulheres por trás das produções, criando conteúdo, além de fornecer uma melhor assistência para as atrizes.

No entanto, ainda surgem problematizações em relação à representação dos corpos nos vídeos e das múltiplas sexualidades e fantasias. Os vídeos com o objetivo de atrair o público feminino acabam se incluindo da categoria *softcore*, ou seja, são vídeos mais românticos e leves, o que acaba alimentando indiretamente, uma padronização de leveza em torno dos estímulos ao prazer feminino. A pornografia deixa de ser um instrumento de liberdade e vira um instrumento que continua a alimentar os estereótipos. Catharine MacKinnon e Judith Butler podem ser citadas como teóricas feministas que alimentam o debate em torno do tema, com posicionamentos opostos, sendo a primeira contra a produção e consumo da pornografia, e a segunda como apoiadora desses materiais como ferramenta de empoderamento feminino.

Um exemplo no qual a educação sexual tem se concentrado no acesso a materiais pornográficos digitais é o fato de que o Pornhub mantém um blog chamado Pornhub Sexual Wellness Center¹⁰ de educação sexual e saúde. Dessa maneira, ele separa grandes áreas na demanda de que só os vídeos, fórum ou outras estruturas que o site mantém não são suficientes. Outra plataforma que nasce como uma necessidade além do site principal é o DataSexto¹¹, da empresa SexLog¹², que se autodenomina uma rede social de sexo e *swing*¹³, usada para marcar encontros. Nela é possível ver algumas pesquisas sobre o comportamento sexual do brasileiro usuário do site, além do site Mapa do Orgasmo¹⁴, da mesma empresa, que tem como objetivo mapear alguns traços sexuais brasileiros relativos ao orgasmo.

Além do que já foi exposto, a violência é uma questão que também precisa ser discutida. O pornô para mulheres, citado anteriormente, tem por objetivo fugir dessa prática comum na pornografia clássica, também conhecida como *mainstream*.

¹⁰ <https://www.pornhub.com/sex/>

¹¹ <https://www.datasexo.com.br/>

¹² <https://pt-br.sexlog.com/>

¹³ Prática sexual realizada entre três ou mais pessoas.

¹⁴ <http://www.mapadoorgasmo.com.br/>

Na maior parte das cenas, a mulher é explorada em situações degradantes e em práticas misóginas, o que pode contribuir para a violência sexual feminina:

a exposição à pornografia é causa *direta* de violência (sexual ou outra) contra as mulheres, ou pelo menos *condiciona* - pelos mecanismos psicológicos da aprendizagem - a agressividade masculina nesse sentido, levando potencialmente os seus consumidores (homens) a tais atos de violência. (PINTO; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 377)

No entanto, apesar desse material explícito estar em grande circulação, continuamos a desviar da discussão sobre ele: “Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos.” (FOUCAULT, 2015, p.30)

4. Fundamentação teórica

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas metodologias e fundamentações que contribuíssem para um olhar quantitativo e analítico sobre materiais de conteúdo pornográfico explícito. Dentre os aportes teóricos utilizados, podemos citar a Ciência das Redes, a Linguística de Corpus e perspectivas pós modernas de gênero, corpo e sexualidade.

A Ciência das Redes e a Linguística de Corpus foram utilizadas de forma quantitativa para processar os dados e compor o corpus que foi criado para, posteriormente, ser analisado sob os aspectos da Teoria Queer de Butler (2011) e das definições de Bourdieu (2011) e Foucault (2015) de corpos e sexualidade.

a) Ciência das Redes

A Teoria de Grafos é uma parte da matemática, datada por volta de 1736, data marcada por uma publicação do matemático Leonhard Euler que busca compreender as relações entre objetos de um determinado conjunto numérico. Esses objetos são dispostos em um formato de rede, conectados por laços que são as arestas que conectam os nós, formando assim o que ele chamou de Grafo. Essa teoria foi utilizada para resolver diversos problemas que envolvem compreender os denominados caminhos, constituídos por vértices que compõem uma grande rede interligada.

Dado que as redes podem ser constituídas de uma grande variedade de elementos, essa metodologia é aplicada nas mais diversas áreas para alcançar outros pontos de vista. Segundo o físico Duncan Watts (1971) “o que acontece e o modo como acontece depende da rede”, ou seja, pensar de modo em que as coisas estão conectadas entre si de forma coletiva e multidisciplinar no século em que a internet acelera e multiplica as nossas conexões é um modo de tentar abranger o individual e o coletivo no mesmo olhar.

Diante disso, o grupo de técnicas para fazer análises em redes constituídas por características e experiências sociais são as Ciências das Redes, nas quais: “Redes, de acordo com essa visão, são a marca registrada da identidade social - o padrão de relações entre indivíduos é um mapa das preferências e características subjacentes dos próprios indivíduos.” (WATTS, 1971).

Ademais, as formas de pensar as redes foram evoluídas e modificadas de acordo com os teóricos, em destaque para Watts & Strogatz's e Rapoport, que

desenvolvem pesquisas nas quais as principais descobertas são em sistemas dinâmicos e sua relação interdisciplinar com outras áreas. As abordagens são: modelagem de rede, estruturas globais, pesquisabilidade e distribuições de grau altamente distorcidas. Devido à evolução tecnológica, o estudo tem avançado muito nos últimos anos, investigando condições como comportamentos de massa em disseminação de doenças, opiniões em redes sociais, como por exemplo as eleições e protestos no Twitter, e tomada de decisões. Temos em Milgram, por exemplo, com a teoria dos seis graus de separação, um nome considerável dessa aplicabilidade das ciências exatas nas ciências humanas.

Dessa forma, através dessa metodologia que tem na interdisciplinaridade o seu principal viés, conseguimos inferir hipóteses e traçar padrões comportamentais para entender diversos funcionamentos de redes complexas, como por exemplo tendências, aglomerados e centralidades, que são as características principais dos grafos, que foram gerados nessa pesquisa como forma de organização do corpus para análise.

b) Linguística de Corpus

A ideia de agrupar dados de forma a constituir um conjunto organizado não é de hoje. O corpus Brown foi precursor em 1964, ao se constituir como o primeiro corpus eletrônico, mesmo com as dificuldades de informatização correntes na época. O pioneirismo de Brown se dá no fato de que foi divergente da ideia da época, pois, sete anos antes, Noam Chomsky havia lançado o livro *Syntactic Structures*, defendendo a ideia de que os dados analisados pelos linguistas estavam localizados na sua mente e seriam acessados através do processo de introspecção.

Diante desse marco na área da Linguística de Corpus, entendemos que a constituição de corpora é pré-internet, pois, além da importância da criação de Brown, as primeiras grandes descrições da linguagem através dessa abordagem datam da Grécia Antiga e Idade Média. Os primeiros registros são de citações da Bíblia e de mapeamento de palavras em outros idiomas, com enfoque no ensino aprendido de línguas.

Ao longo da história, temos outros corpora que também se ocuparam de descrever a linguagem através do grande conjunto de informações, computadorizados ou não, com Thorndike, Lorge e Randolf como grandes nomes da

linguística responsáveis por eles. Porém, essas informações não são colhidas e agrupadas de qualquer forma. Assim, trabalhamos com a seguinte definição da área:

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador. (BERBER SARDINHA 2000, p.325).

Com o desenvolvimento das tecnologias de processamento de dados, como a invenção dos computadores, os cartões perfurados e as fitas magnéticas, foi possível tornar mais rápida e precisa a capacidade e a velocidade de armazenamento dos grandes bancos de dados. Dessa forma, o desenvolvimento da computação possibilitou o fortalecimento de pesquisas na área, ampliando as possibilidades de pesquisa.

Logo, o desenvolvimento da Linguística de Corpus na contemporaneidade está diretamente relacionado à disponibilidade de corpus eletrônicos, dedicando-se à descrição dos variados aspectos da linguagem. Sendo assim, a área está atrelada ao desenvolvimento tecnológico, condicionada a ferramentas computacionais que permitem a análise dos dados e etiquetamentos.

Segundo Berber Sardinha (2000), nem todo conjunto de dados pode ser considerado um corpus. Para constituí-lo, devemos selecionar o material mais diverso dentre as possibilidades correntes e seguirmos um critério de seleção, sistematizando-o de forma que possa ser processado por um computador, para assim produzir resultados que serão coerentes dentro do objetivo específico da sua constituição.

Além dos objetivos específicos de composição de um corpus, o autor citado afirma que existem outros pontos relevantes que devem ser levados em consideração para a sua estruturação, como: a origem, o propósito, a composição, a formatação, a representatividade e a extensão.

Esses fatores levam em conta a autenticidade dos textos, que devem ter origem em linguagem natural, o que significa que não devem ser produzidos por computadores de forma artificial. Além disso, o critério de seleção do corpus deve seguir uma lógica que corresponda às características do objetivo do agrupamento dos dados, representando o que se pretende com a pesquisa.

De acordo com Kader e Richter (2013), há diferença quanto à definição da Linguística de Corpus. Berber Sadinha (2000), por exemplo, afirma que ela é uma metodologia. Porém, Rocha (2000) compactua da ideia de que seria uma metodologia, contrariando Leech (1992), que parte do ponto que é, além de tudo, uma abordagem filosófica. Diante do exposto sobre as relevantes contribuições da Linguística de Corpus para os estudos na área, foi constituído o corpus para análise seguindo os critérios de Berber Sardinha (2000), partindo do pressuposto que é uma metodologia.

c) Perspectivas de gênero e sexualidade

Para construir o olhar sobre as etiquetas e relações que serão analisadas, além das metodologias para a coleta de corpus, partiremos do princípio de que as definições de corpo, gênero e sexualidade não são dadas como naturais e biológicas, mas sim, produzidas e reformuladas ao longo do tempo, fugindo do essencialismo.

Desse modo, as diferenças são construídas historicamente, atravessadas por diferentes fatores no decorrer dos anos. Portanto, o que Bourdieu (2010) chamou de “diferença”, só se manifesta quando há um posicionamento do dominante sobre o dominado, utilizando-se daquilo que se pretende diferenciar, ou seja, de características específicas. Isso acaba resultando, enfim, no produto de uma relação histórica de diferenciação.

Dentre os conceitos de diferenciação históricas, o gênero aparece como um deles, participando do processo de desigualdades de modos de estar no mundo. A construção do conceito gênero compartilha de diferentes teóricos de áreas diversas, como a antropologia, a sociologia, a psicanálise e a linguística ao longo dos séculos. Simone Beauvoir, uma das principais referências no assunto, inaugura sua obra *O segundo sexo*, em 1949, com a seguinte afirmação: “uma mulher não nasce mulher, torna-se”.

Partindo da premissa apresentada, em consonância com Bourdieu, que afirma que: “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes.” (BOURDIEU, 2010, p. 18), almejou-se entender quais são os corpos construídos na pornografia, fazendo

um recorde dos que constituem a representação da imagem das mulheres lésbicas. Ou seja, partiremos do fato de que os corpos são construídos, ou seja: “Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero.” (BUTLER, 2011, p. 30).

O conceito de gênero que se acredita estar mais próximo da interdisciplinaridade exigida pela pesquisa é o de Judith Butler, que inaugurou a Teoria Queer com o livro *Problemas de Gênero*, lançado em 1990. A publicação teoriza sobre a performatividade de gênero, levando em consideração alguns pontos das diversas áreas citadas anteriormente para problematizar conceitos que não são estáveis e diretos, mas sim, atravessados por uma multiplicidade de discursos, debatendo assim alguns pontos como o feminino, a matriz heteronormativa e a sexualidade presentes na sociedade.

No entanto, é importante reforçar que, conforme dito anteriormente na teorização de Maingueneau (2010), a pornografia é contraditória, pois faz o jogo de esconder e revelar, e esse corpo das minorias políticas, que será analisado, é silenciado: “Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala” (PERROT, p. 13, 2003).

d) Pornografia, sexo e linguagem

Segundo Foucault (2015), o domínio do poder sobre o sexo é determinado pela linguagem, por um ato discursivo. Dessa forma, há aqueles que são autorizados a falar, e os que não são, aqueles que terão voz de forma já dada como pressuposta, e aqueles que buscam esse espaço, numa relação de oposição. Assim, podemos perceber que sexo não se trata apenas de características físicas ou de atos sexuais, mas tem sua construção materializada ao longo do tempo, é através do sexo que o corpo ganha e experimenta a vida e, assim, reprodutivamente, pode escapar da morte.

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática aquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 2011, p. 155)

Sendo assim, o sexo é uma das normas pelas quais o corpo existe, ou seja, o corpo é sexo. Tudo que temos, para dar vida ao corpo, é o sexo. Como nos colocamos à disposição do outro, e como esse outro nos toca, sem literariedades, é o prazer em se exercer poder. Um poder que não pode ser retirado, nem recusado, apenas deslocado. É o sexo que fala e faz as regras, num jogo complexo e instável de modos de sujeição. O corpo se reproduz, e é através disso que ele escapa à morte. É nele em que gênero transborda: a arquitetura do corpo é política. A sexualidade, portanto, se torna algo um dispositivo histórico:

não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2015, p. 115)

Gênero, por sua vez, é o processo infundável de criação de regras para o corpo. Muitas vezes, normas contraditórias e inalcançáveis em seu todo. Portanto, normas que nos tornamos, mas nunca podemos realmente ser. Butler vai mais longe ao afirmar que: “gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos”, denunciando que a forma na qual esse gênero vai se realizar é através de um truque performativo na linguagem.

5. Metodologia

a) Coleta e descrição do corpus

O corpus é retirado do site Pornhub, que é um dos sites de pornografia mais acessados no mundo.¹⁵ O mapa do site, disponibilizado pelo próprio, possui quatro principais menus: *Home*, *Videos*, *Photos* e *Community*. Esses itens dão acesso a ambientes diferentes que contém materiais diversificados como vídeos e fotos, e a uma comunidade em formato de fórum onde os usuários podem interagir e trocar informações entre si.

No endereço se encontram os vídeos que serão analisados, que possuem etiquetas, cuja a classificação que determina as buscas no site é dada pelo próprio consumidor do material. As etiquetas são os rótulos que têm como objetivo especificar o conteúdo presente em cada vídeo e são inseridos sem que haja regra para tal: elas podem caracterizar a prática sexual que está acontecendo no vídeo, a opção sexual, gênero ou etnia dos protagonistas, fetiches, características físicas e do ambiente, dentre outras. O site disponibiliza relatórios anuais detalhados de estatísticas de acesso, e foram escolhidos os dados de 2016 e 2017 para a análise.

Devido ao fato de que não há ferramentas disponíveis para a raspagem automática de dados, a coleta de dados para compor o corpus da pesquisa foi manual, vídeo a vídeo. Os motivos que justificam essa falta de automatização se devem ao fato de que há a confidencialidade das informações presentes no site escolhido para a retirada do corpus. No entanto, é importante reforçar que os dados foram anonimizados, não havendo nenhuma referência direta a atores, empresas ou possíveis usuários do site. Este trabalho se concentrou exclusivamente nas etiquetas.

Abaixo, temos as principais características do corpus que foi coletado. Dentre as principais características, temos o fato de que são etiquetas, ou seja, palavras escritas e não faladas, o tempo é corrente, pois foi selecionado um período médio de uma semana para a coleta dos dados. Além disso, a autoria dessas etiquetas é variada, pois qualquer usuário do site consegue criá-las. Esse o conteúdo criado

¹⁵ <https://www.alexa.com/siteinfo/pornhub.com>

pertence ao vocabulário específico do meio pornográfico, no qual a predominância é da língua inglesa.

Quadro 1. Características do corpus analisado

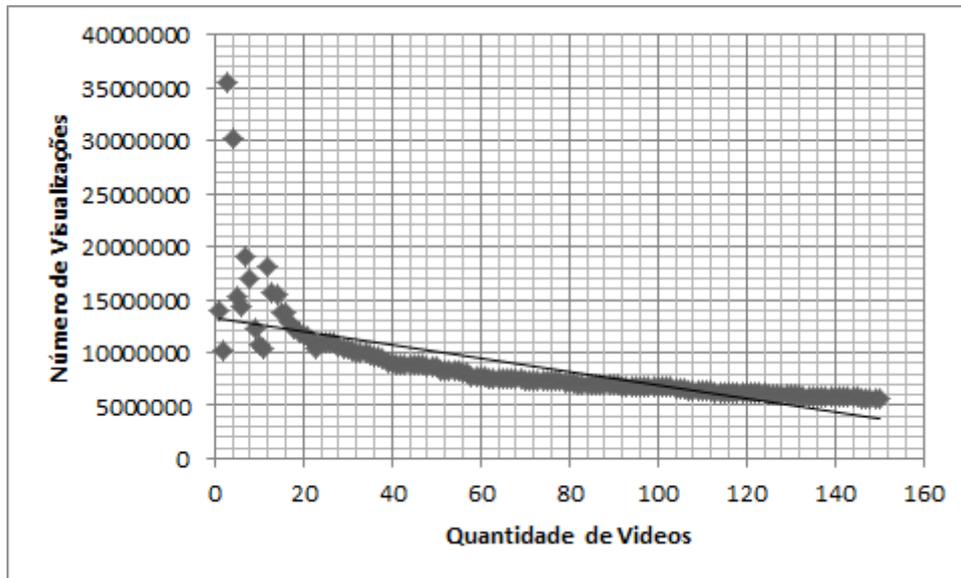
Critério	Característica
Modo	Escrito (etiquetas)
Tempo	Contemporâneo
Seleção	Dinâmico
Conteúdo	Especializado (inglês)
Autoria	Variada (qualquer usuário do site)
Finalidade	Referência para análise de léxico
Especificidade	Textos específicos (etiquetas)
Dialeto	Palavras específicas do vocabulário informal pornográfico

Fonte: Autor

Como critério de seleção, foram escolhidos os 150 vídeos mais acessados que continham a etiqueta *lesbian*. Apesar do conteúdo ser mensurado por número de acessos, verificou-se que, no período em que foi realizada a coleta do corpus, o material se manteve o mesmo, não prejudicando a constituição do corpus. A média de acessos por vídeo foi de 8.534.382 visualizações, com uma média de cinco etiquetas por vídeo.

Abaixo, temos um gráfico que mostra a distribuição de visualizações por vídeo, no qual podemos perceber o intervalo em que a média calculada está, além de conter, a informação de que a maior parte dos vídeos se concentra num intervalo específico de visualizações, apresentando, portanto, o padrão de acessos e reproduções dos vídeos do corpus selecionado.

Gráfico 1. Distribuição de visualizações por vídeo

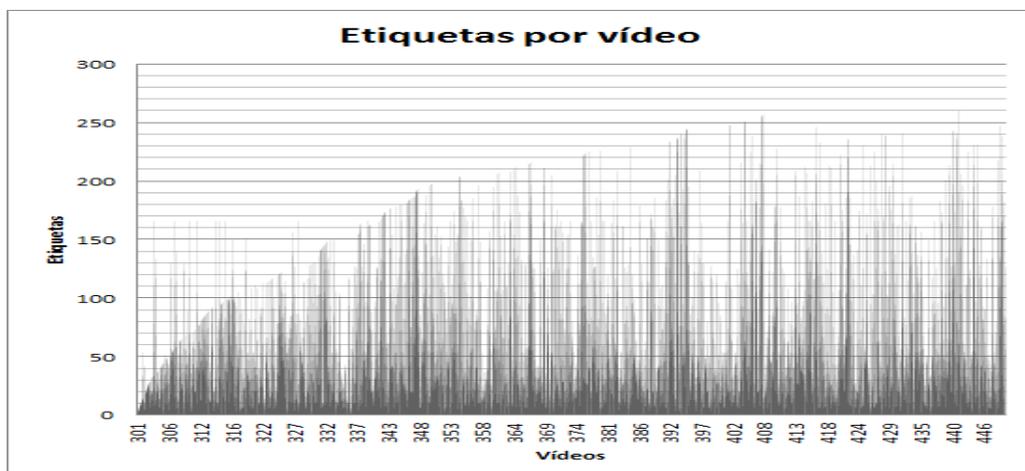


Fonte: Autor

Com o intuito de organizá-las para serem processadas posteriormente, as etiquetas associadas a cada vídeo foram coletadas e colocadas em uma tabela, com um ID associado. O mesmo foi feito com os vídeos, resultando numa terceira tabela relacional que associa as etiquetas aos vídeos. Conseguiu-se, portanto, cerca de 265 etiquetas tabuladas, seguindo critérios de agrupamento por plurais e singulares e possíveis similaridades de campos semânticos.

Abaixo, temos um gráfico que mostra a distribuição de etiquetas por vídeo. Esse gráfico nos leva a concluir que a maior parte dos vídeos se concentra nas 50 primeiras etiquetas, ou seja, que existem palavras que são mais procuradas que outras na hora de se categorizar os vídeos.

Gráfico 2. Etiquetas por vídeo



Fonte: Autor

Após prontas as tabelas de etiquetas e vídeos, utilizou-se o software Gephi para a elaboração dos grafos. O Gephi é um software livre e colaborativo que permite a entrada de matrizes, e tem como resposta um grafo, exibindo-o de forma mais visualmente atraente. Dessa forma, a ferramenta permite seu uso para elaborar “cartografias” de redes sociais.

Esse software¹⁶ foi usado na pesquisa para a construção de grafos, que tem como a intenção organizar e mostrar de forma visual os relacionamentos entre as etiquetas estudadas: “Com foco na clareza da análise e na moderna interface do usuário, o projeto Gephi traz uma melhor visualização da rede para especialistas e público não iniciado.” (BASTIAN, HEYMANN, & JACOMY, 2009, p.361)¹⁷. Diante disso, se torna uma ótima ferramenta para o processamento dos dados pois o faz de forma rápida e sem grandes empecilhos técnicos por causa da sua interface fácil e dinâmica.

¹⁶ <http://bsf.org.br/2011/10/18/introducao-ao-gephi/>

¹⁷ Tradução do autor do original: “Focusing on analysis clarity and on modern user interface, the Gephi project brings better network visualization to both experts and uninitiated audience.” (BASTIAN, HEYMANN, & JACOMY, 2009, p.361)

6. Análise de dados

7.

a) Tag cloud Geral Pornhub

Partindo dos princípios teóricos mencionados anteriormente, as etiquetas encontradas foram organizadas e analisadas como forma de entender de que forma a mulher lésbica é descrita dentro da pornografia. Para isso, buscando compreender as forças vetoriais presentes nos grafos das relações entre as palavras encontradas, acredita-se que possam modelar a percepção sobre o corpo feminino:

Como discursivo e perceptivo, o “sexo” denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modelando à força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos. (BUTLER, 2011, p. 199)

A mulher lésbica chamou a atenção na determinação do objeto da pesquisa porque o fato de ocupar o primeiro lugar por dois anos consecutivos nas buscas de um dos sites de pornografia mais acessados do mundo diz bastante, contemporaneamente, sobre como enxergamos desejo e sexualidade da mulher. Os números altos, expostos anteriormente, denunciam que muitas pessoas estão sendo expostas a determinadas formas de entendimento da relação sexual entre gêneros femininos, o que, de acordo com Butler (2011, p. 229), isso pode significar que as práticas sexuais assimiladas podem abrir ou fechar superfícies ou orifícios à significação erótica, tanto em relações entre gêneros diferentes quanto em semelhantes, e isso tem por consequência a reescrita das fronteiras corporais de acordo com as novas linhas culturais.

Na figura 1, vemos uma nuvem de palavras constituída por todas as etiquetas encontradas associadas aos vídeos. As etiquetas que apresentam a mesma densidade têm a mesma cor e seu tamanho é dado pela quantidade de vezes que aparecem no corpus. Podemos observar que algumas palavras se sobressaem em relação às outras, ou seja, são mais buscadas, como: *girl on girl*, *big tits*, *licking*, *real tits*, *brunette*, *blonde*, *small tits*, *mom*, *orgasm*.¹⁸

¹⁸ A tradução e explicação dos termos será feita posteriormente ao longo da análise das etiquetas.

As etiquetas que descrevem a composição corporal, como: *big tits*, *real tits*, *brunette*, *blonde* e *small tits* caracterizam um ideal feminino físico lésbico buscado, ou seja, não é qualquer corpo feminino que é associado a outro corpo feminino numa relação sexual dentro do ambiente pornográfico, que tem como objetivo o consumo através da venda da imagem do corpo.

A prática *licking*, ou seja, sexo oral, aparece como principal opção de ato. Outras palavras sinônimas vão surgir ao longo da pesquisa, como por exemplo *oral sex* ou *cunnilingus*. Outras práticas também aparecem na figura, como *masturbation*, *ass licking*, *threesome*²⁴, *teasing*, *spanking*, dentre outras.

Mom como uma das principais buscas também denuncia que as relações de parentesco são bastante procuradas no site pornô em questão. Outras palavras como *mature*²⁵, *milf*²⁶, que pertencem ao universo da mulher mais velha ou específicas de parentesco também aparecem associadas aos vídeos.

O fato da etiqueta *orgasm* também estar presente entre as mais buscadas é um ponto que merece atenção, pois pode significar que não é premeditado que o ato sexual entre duas mulheres culminará no orgasmo de alguma delas ou de ambas. Ou seja, o orgasmo, visto como uma parte avulsa ao ato sexual, pode pressupor frigidez feminina ou até mesmo a fetichização do orgasmo feminino como algo difícil e especial, não algo que pode fazer parte naturalmente do ato em si.

Diante dessas etiquetas encontradas, precisamos lembrar de que lugar elas vêm para que assim possamos entender os discursos emitidos, ou seja, para poder entender o que é dito e a significância dessas palavras do universo pornográfico. Deve-se ter em mente a complexidade dessa significância, posta em rede:

Não é, portanto, simplesmente em termos de extensão contínua que se deve falar desse acréscimo discursivo; ao contrário, deve-se ver aí a dispersão dos focos de onde tais discursos são emitidos, a diversificação de suas formas e o desdobramento complexo da rede que os une. (FOUCAULT, 2015, p.38)

Por conseguinte, os discursos presentes dentro dos vídeos pornográficos, detectados, nesta pesquisa, através da análise das etiquetas que os categorizam,

²⁴ Prática sexual que envolve três pessoas.

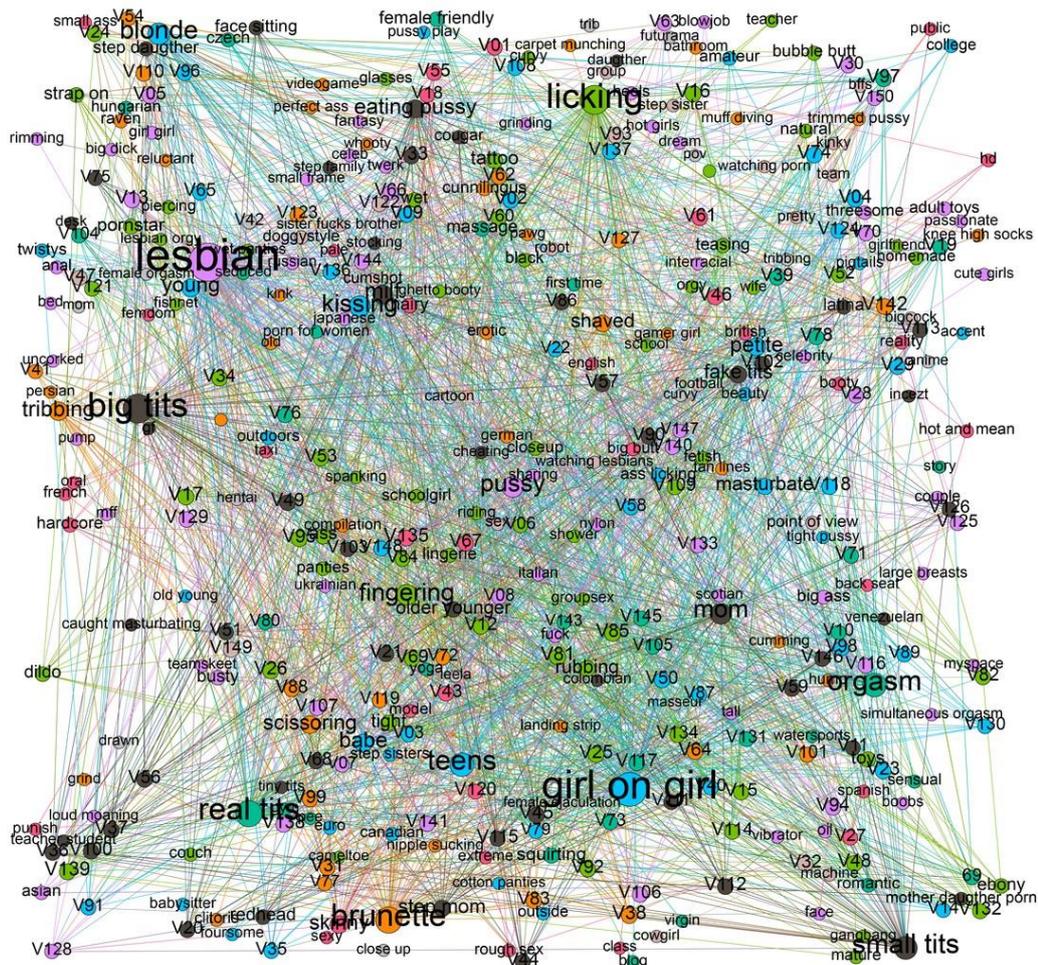
²⁵ Termo usado para designar mulheres mais velhas.

²⁶ Sigla para "Mom I'd Like To Fuck", que é um fetiche sexual com mulheres mais velhas com parceiros mais jovens.

expõe a diversificada rede de significados que compõem a sexualidade feminina, bem como as diferentes formas de se falar.

b) Rede geral (Lesbians)

Figura 2: Rede de relações entre etiquetas e vídeos



Fonte: Autor

No grafo geral, nota-se a presença de diversas etiquetas antagonistas, como: *teens/mature*, *big tits/small tits*, *old/young*. Essas etiquetas mostram padrões de hierarquização entre as palavras, numa relação de dominação entre elas, ou seja, partindo do princípio que o corpo exibido na pornografia é o corpo desejado fora

dela, temos, de forma evidente, as características corporais classificadas de forma em que exista uma catalogação de corpos, e conseqüentemente, de indivíduos. De acordo com Bourdieu (2011), essas características do corpo são aprendidas através da percepção, e isso se dá dependendo de que lugar ocupamos no espaço social, e utilizamos-nas de forma hierárquica de acordo com as regras presentes nesse espaço ocupado:

(...) as taxionomias em vigor tendem a contrapor, hierarquizando-as, as propriedades mais frequentes entre os dominantes e as que são mais frequentes entre os dominados (magro/gordo, grande/pequeno, elegante/grosseiro, leve/pesado etc.). A representação social do próprio corpo é, assim, obtida através da aplicação de uma taxionomia social, cujo princípio é idêntico aos dos corpos aos quais se aplica. (BOURDIEU, p. 81, 2011)

Sobre as etiquetas de menor centralidade, como por exemplo: *ebony*²⁷ e *curvy*²⁸, podemos interpretar a sua ausência de destaque pelo fato de pertencerem ao que Butler chamou de “corpos abjetos”. Elas mostram que determinados corpos só tem existência possível no campo da fetichização, e não dentro do campo da normalidade. Portanto, o desejo existente por um corpo com determinadas características consideradas fora do padrão esperado vai aparecer de forma excêntrica e marginal dentro da pornografia:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (BUTLER, p. 155, 2001)

No entanto, não é efetivamente simples classificar e determinar quais corpos pertencem a quais lugares de poder. Assim como o significado do corpo abjeto foi construído ao longo da história, o corpo considerado normal, que também aparece nas etiquetas (ponto que será explorado mais a frente), foi padronizado ao longo dos anos e de acordo com as determinações históricas convenientes a momentos específicos.

Conforme exposto por Foucault (2015), a partir da metade do século XVIII, a burguesia se empenha em atribuir uma sexualidade para constituir a si mesma, ou

²⁷ Termo usado para designar as mulheres negras na pornografia.

²⁸ Termo usado para designar mulheres que não são consideradas magras nem gordas, mas estão acima do peso para serem consideradas padrão.

seja, surgem regras que determinam um corpo específico, o que ele chamou de “corpo de classe”, que possuíam práticas de saúde, higiene, modos de se vestir, postura, raça e descendência que reforçavam e padronizavam as características dessa classe, num movimento considerado: “autossexualização do seu próprio corpo, encarnação do sexo em seu corpo próprio, endogamia do sexo e do corpo” (FOUCAULT, 2015, p.135).

Portanto, o que foi continuado desse movimento de autossexualização do próprio corpo, se não criou bases para os nossos padrões, acabou criando lógicas que perpetuam-se ao longo dos séculos. Essa hierarquização física contribui para sensação de superioridade racial, por exemplo, que ecoa até hoje nos mais diferentes meios, é resultado de diversos processos históricos como esse:

Trata-se de um racismo dinâmico, de um racismo da expansão, embora só encontrado ainda em estado embrionário e tendo tido que esperar até a segunda metade do século XIX para dar os frutos que acabamos provando. (FOUCAULT, 2015, p. 137)

Outro ponto relevante são as etiquetas que tratam de parentescos, ou seja, falam das relações familiares de forma fetichizadas e erotizadas. Conforme dito anteriormente, Foucault (2015) vai nomear a sexualidade como um dispositivo, e nomeia a família como o cristal desse dispositivo, pois: “parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata.” (FOUCAULT, 2015, p.121). Esse dispositivo vai culpar a composição familiar burguesa, responsável pela formação das condutas sexuais que temos até hoje empenhada, inclusive, na composição de do “corpo de classe”.

Em relação aos termos associados a parentescos, encontrados em grande quantidade ao longo da pesquisa temos a questão da fantasia com incestos. Etiquetas como *mom*, *step daughter*, *step sister*, *mother daughter porn*²⁹ e *step mom* são frequentes. O incesto toca no que é de mais fundamental na sociedade, pois remete a como as categorias sociais são construídas: “A oposição entre o idêntico e o diferente é primordial porque se fundamenta no que, na linguagem do parentesco, é mais irreduzível sobre o corpo humano: a diferença sexual ”(HERITIER, 1999, p.11).³⁰

²⁹ Termos usados para designar práticas sexuais entre mãe e filha.

³⁰ Tradução nossa do original: The opposition between the identical and the different is primary because it is founded on what, in the language of kinship, is most irreducible about the human body: sexual difference” (HERITIER, 1999, p.11).

As principais etiquetas do Cluster 1 são: *teens*, *brunnete*, *real tits* e *young*. A etiqueta *real tits* aparece como uma forma de distinguir os seios que são e que não são reais, como se fosse possível, em algum momento, distinguir características do corpo que são ou não naturais. Outro questionamento possível é o desejo em torno do seio que é ou não é natural, como algo que ajuda a compor um espectro de feminino em que são criadas outras fantasias sobre ele.

Essa rede tende a mostrar a relação entre mulheres jovens, e isso é notável através da etiqueta *pigtails*³³. *Teen* e *young*, por exemplo, são etiquetas que qualificam o corpo da mulher quanto à sua idade, e vai aparecer associado às etiquetas *babe* e *college* no mesmo cluster. A romantização da mulher mais nova tem um grande marco literário com a obra *Lolita*, de Vladimir Nabokov³⁴. A sexualização precoce feminina com a figura da ninfeta na pornografia expõe o processo de erotização do corpo infantil. A presença desse tipo de material acaba criando um ambiente de experimentação de práticas pedófilas, assim:

(...) ao disponibilizarmos determinadas imagens das menininhas não estamos construindo apenas um modo de representá-las direcionadas somente para os homens, mas também para as próprias meninas e adolescentes, que vão sendo subjetivadas por essas pedagogias da sexualidade. (FELIPE; PRESTES, 2015, p. 10)

Além disso, outras etiquetas reforçam o estereótipo de relação entre duas mulheres jovens, como *romantic*, *female friendly*³⁵, *porn for women*³⁶ e *step sisters*. Não fica claro se a relação entre as duas é uma amizade ou um relacionamento, por exemplo, contribuindo para a figura da mulher misteriosa e para o fetichismo em torno da relação lésbica. A pornografia, quando se trata de mulheres, costuma sempre fetichizar as relações de parentesco ou de amizade, nunca retratando o sexo dentro de uma relação, por exemplo. Sendo assim, há o desejo pelo proibido e pelo incestuoso, ceder ao erro, segundo Cercarelli (2011), o que torna a pornografia como solução para que se possa vivenciar o seu desejo é o fato do Ocidente ser fundado cultura sexual moralizante: “o criar padrões de comportamento sexual, a

³³ Penteado no qual se trança o cabelo.

³⁴ Romance de 1955, que retrata a sexualização precoce da personagem principal que é exposta aos desejos do seu padrasto.

³⁵ Termo usado para designar amizade entre duas mulheres.

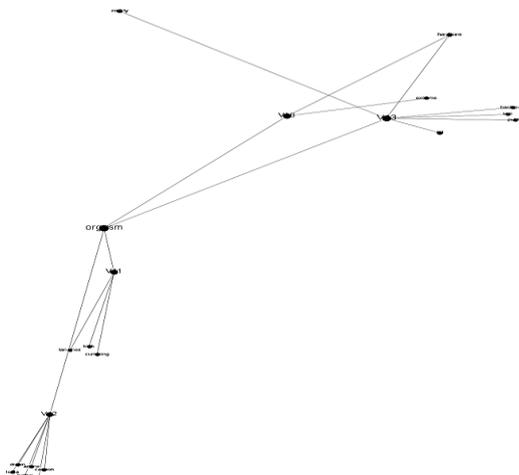
³⁶ Termo usado para designar a pornografia feita para o público feminino.

moral sexual ocidental incentiva a produção de soluções marginais como possibilidades de se escapar à injustiça social.” (2011, p. 4)

Porém, não é de todas as mulheres que se trata o pornô lésbico jovem, mas apenas, de um tipo específico de corpo, visto que também podemos encontrar as palavras *beauty*, *sexy*, *model* e *euro*³⁷. Esse padrão de beleza, quando associado às outras etiquetas principais como *teens*, *brunette*, *real tits*³⁸ e *young* denota o padrão das mulheres brancas ou europeias, associadas ao que foi dito anteriormente sobre o “corpo de classe”.

Outra etiqueta que chama atenção nesse cluster é *porn for women*, pois apareceu nos relatórios do Pornhub nos últimos anos e tem crescido seu número de acessos. Apesar de parecer remeter ao tipo de pornografia que as mulheres desejariam consumir, conforme vimos anteriormente, está associada ao pornô mais leve, romântico e sempre protagonizado por mulheres de acordo com o padrão ocidental de beleza. A pornografia feminista permanece em constante debate atualmente, pois há questões em torno do que a pornografia deveria ser, pois a objetificação feminina é intrínseca ao seu nascimento. (ver capítulo 1)

Figura 4: Cluster 2



Fonte: Autor

³⁷ Termo usado para designar mulheres européias.

³⁸ Termo usado para descrever seios que não possuem implantes de próteses mamárias.

As principais etiquetas do Cluster 2 são: *orgasm*, *extreme*³⁹ e *hardcore*⁴⁰. Alimentando o imaginário da violência, de que o sexo prazeroso é o que envolve brutalidade e intensidade. Novamente, o prazer feminino aparece como algo que é difícil de ser conseguido, reforçando antigos estereótipos de frigidez e de puritanismo como itens constituintes da natureza da mulher.

O fato dessas etiquetas se relacionarem diretamente com *reality*, mostra que esse é o sexo relacionado ao que realmente é praticado pelas pessoas, o mais próximo do universo fora da pornografia. Ou seja, essa etiqueta pode expor o que é esperado do ato sexual para um consumidor de pornografia fora dela. Isso é preocupante, visto que outras etiquetas presentes nesse cluster são de um campo semântico em que há significância violenta, denunciando, assim a naturalização do o sexo violento e não autorizado⁴¹.

Outras etiquetas que também aparecem são *drawn*, *anime*, *cartoon* e *hentai*⁴², que trazem o desenho animado, um dos elementos que costuma ser associado ao entretenimento infantil, para o pornô. Além da referência à problematização da erotização infantil, já mencionada anteriormente, que costuma retratar atos sexuais diversos e relacionados a fantasias fantásticas. Segundo Junio e Okabe (2015) é comum encontrar tentáculos, personagens de desenhos animados populares, como *The Simpsons*, tendo relações entre si, dragões, alienígenas e figuras de professores e alunos, além da figura feminina sendo diminuída e humilhada.

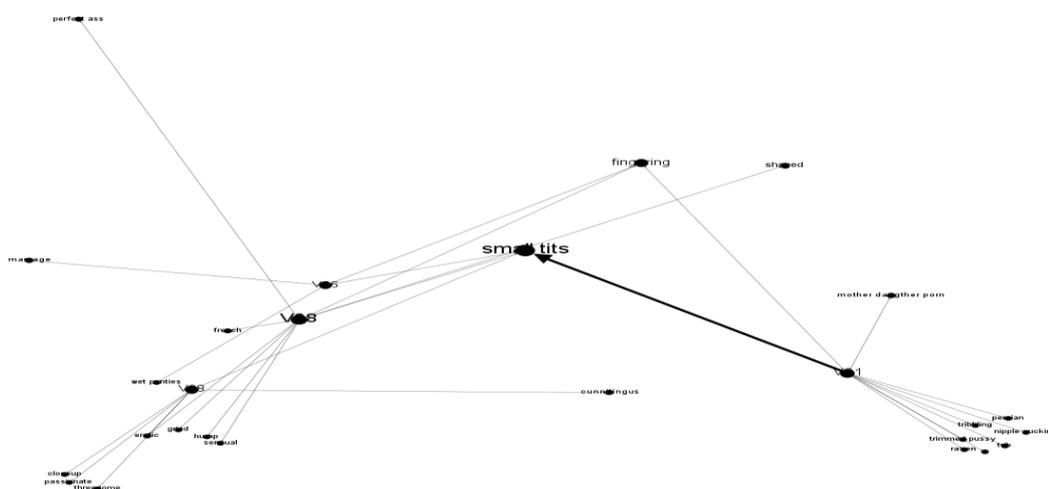
³⁹ Termo usado para designar práticas pornográficas variadas que são violentas e de risco, que testam limites.

⁴⁰ Termo usado para designar práticas sexuais violentas e intensas.

⁴¹ <http://conexaoplaneta.com.br/blog/pornografia-e-genero/>

⁴² Quadrinho japonês adaptado para a pornografia.

Figura 5: Cluster 3



Fonte: Autor

As principais etiquetas do Cluster 3 são: *small tits*, *fingering*⁴³ e *shaved*⁴⁴. *Small tits* é uma etiqueta que aparece como uma das mais buscadas no ano, segundo o relatório do Pornhub (2017), o que pode ser visualizado na rede geral (Figura 2). Os seios pequenos remetem à mulher frágil e infantil, o que, juntamente da etiqueta *shaved*, alimenta e constrói estereótipo do corpo que ainda não foi desenvolvido totalmente, de uma jovem adolescente.

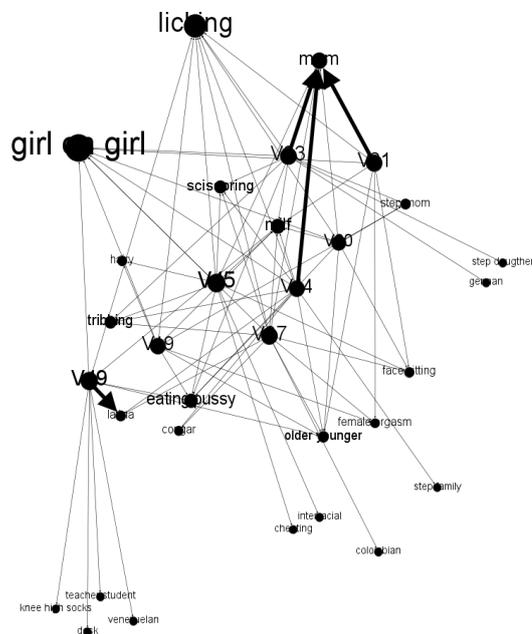
Fingering é uma prática passiva e masturbatória. Quando acompanhada de *small tits* e de *shaved*, podemos ver a figura da mulher infantilizada, da ninfeta, que é ingênua e desconhece as práticas sexuais, sendo iniciada por alguma outra figura mais velha ou por uma amiga. Outras etiquetas que reforçam essa ideia são, por exemplo, *mother daughter porn* e *cunnilingus*⁴⁵, que estão no mesmo cluster e já foram referenciadas anteriormente.

⁴³ Prática de estimular a vulva de outra pessoa ou ânus com os dedos.

⁴⁴ Palavra utilizada para designar uma vulva sem pelos.

⁴⁵ Ato sexual de estimular a vulva com a boca ou língua.

Figura 6: Cluster 4



Fonte: Autor

As principais etiquetas do Cluster 4 são: *girl on girl*, *mom* e *licking*. A etiqueta *girl on girl*, já citada anteriormente, quando presente num cluster em que relações de parentesco aparecem, como este, reforçam ainda mais o fato de que o ato sexual entre duas mulheres não necessariamente significa uma sexualidade exclusivamente lésbica, mesmo esta sendo a principal etiqueta de busca de toda a rede.

A questão das nacionalidades como características necessárias na identificação do corpo feminino, que se deseja na pornografia, também está presente no Cluster 3 com a etiqueta *french*, no Cluster 1 com as etiquetas *canadian*, *russian* e *czech*, no Cluster 6 com a etiqueta *british* e no Cluster 6 com a etiqueta *asian*. Duas palavras que tornam essa questão interessante são as etiquetas *accent*, presente no Cluster 1, e a etiqueta *latina*⁴⁶, que vai atravessar as redes em diversos momentos, como nos Clusters 1, 4,

⁴⁶ Palavra utilizada, na pornografia, para designar qualquer nacionalidade da América Latina ou Central.

Outras etiquetas presentes no Cluster 4, que reforçam a universalidade do fetiche em torno da relação de parentesco mãe ou madrastra com filha ou enteada na pornografia, são *step mom* e *step daughter* que estão associadas a diferentes nacionalidades, como: *german*, *colombian* e *venezuelan*. As representações familiares femininas, quando atravessadas pelas nacionalidades, expõem grandes estereótipos de etnias, principalmente quanto às referentes à América Central e do Sul, que costumam carregar em si uma sexualização da mulher latina⁴⁷, como no Brasil, por exemplo a mulher negra. Os padrões de corpo e práticas associados a diferentes etnias mantêm a lógica do colonizador europeu sobre os países explorados e colonizados, como por exemplo o Brasil e os EUA, com a perpetuação do pensamento sobre servilismo e subjetividade. A América Latina é o segundo lugar mais perigoso para uma mulher, além das zonas de guerra, segundo a ONU, com altos índices de feminicídio⁴⁸, o que relaciona diretamente questões de violência e da mulher latina.

Além das relações de parentesco e de nacionalidade, a etiqueta *teacher student* também aparece fetichização de estruturas hierárquicas presentes na sociedade, bem como *older younger*, aparecem para mostrar as fantasias que configuram a estrutura de idealização da mulher mais velha e da mulher mais nova.

Apesar da clara relação hierárquica entre os parentescos e das etiquetas *licking* e *eating pussy*, que podem ser consideradas sinônimas, serem algumas das mais buscadas dentre os vídeos associados a esse cluster, a maior parte das práticas associadas ao fetiche remetem a igualdade, como *tribbing*⁴⁹ e *scissoring*⁵⁰, nas quais é possível às duas pessoas chegarem ao orgasmo mutuamente. Apesar dessa possibilidade, o prazer feminino não é uma certeza nem quando se trata de relações estritamente entre mulheres, pois o enfoque dos vídeos é a exposição da relação entre duas mulheres para o prazer masculino⁵¹.

⁴⁷ https://www.vice.com/pt_br/article/aeqjmk/brasileiras-no-exterior-identidade-e-estereotipo

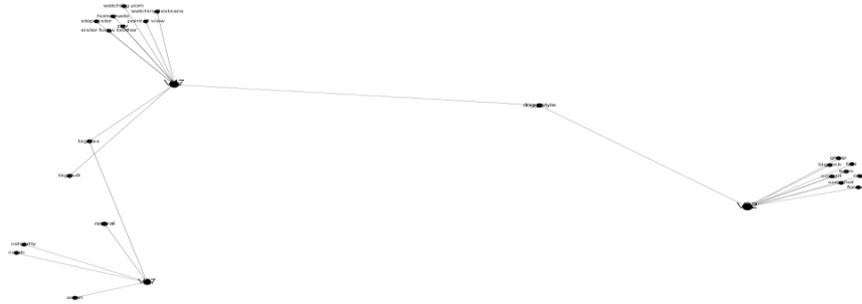
⁴⁸ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049_751281.html?fbclid=IwAR2s1wcHd8DE5Y74QPTqjSuj0u5ZN2sgpfYWJGWJ1OiiPLdrx3lvEXrGJRM

⁴⁹ Prática sexual em que há o atrito entre duas vulvas como forma de estímulo.

⁵⁰ Posição sexual na qual se costuma realizar o atrito entre duas vulvas como forma de estímulo.

⁵¹ <https://feminismos.com.br/feminismo-e-pornografia-para-al%C3%A9m-da-quest%C3%A3o-do-prazer-89d92d74ce8f>

Figura 7: Cluster 5



Fonte: Autor

Apesar de não haver nenhuma etiqueta central, podemos encontrar outras etiquetas que chamam a atenção como *watching porn*, *watching lesbian* e *point of view*⁵². Todas essas etiquetas remetem ao jogo de câmera no qual a mulher é observada, do ponto de vista em que se torna objeto, ou seja, é um ato voyeurístico. Esse estilo de produção cinematográfica pioneiro nos anos 90 por diretores como Seymore Butts e Ben Dover, tirou a história presente no começo dos vídeos, que costuma contextualizar o ambiente e as relações entre os personagens, e foi direto para o sexo⁵³.

Palavras como *bigcock*⁵⁴ e *cumshot*⁵⁵, associadas ao universo masculino, aparecem mesmo em vídeos que tratam da relação lésbica, ou seja, estritamente entre duas mulheres. A ideia, portanto, de que a mulher possui uma falta e que o homem é capaz de preencher essa falta é mostrada pela presença de elementos masculinos:

Assim, no processo de histerização da mulher, o “sexo” foi definido de três maneiras: como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; ou como o que pertence também ao homem por excelência

⁵² Também conhecido como POV, é uma técnica de filmagem de materiais pornográficos no qual há o ponto de vista que quem está filmando, geralmente associado a vídeos amadores.

⁵³ <https://doi.org/10.1080/23268743.2016.1241158>

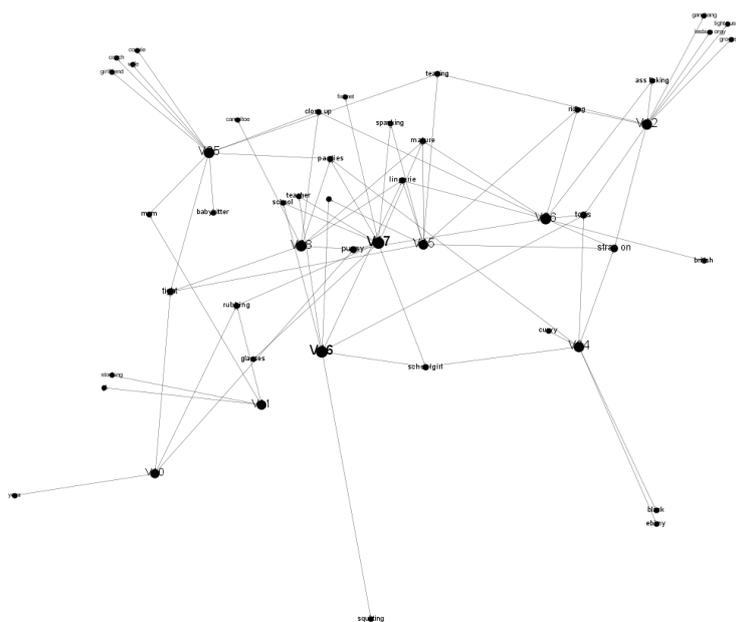
⁵⁴ Termo usado para designar um pênis com tamanho acima da média.

⁵⁵ Palavra usada para designar o orgasmo masculino, geralmente associado à ejaculação.

e, portanto, faz falta à mulher; mas, ainda, como o que constitui, por si só, o corpo da mulher, ordenando-o inteiramente para as funções de reprodução e perturbando-o continuamente pelos efeitos dessas mesmas funções: a histeria é interpretada, nessa estratégia, como o jogo do sexo enquanto “um” e “outro”, tudo e parte, princípio e falta. (FOUCAULT, 2015, p. 166)

Apesar de curiosa, a aparição dessas etiquetas denunciam que o poder exercido pelo gênero masculino, na mulher, ultrapassa as barreiras de sua própria sexualidade, ou seja, a dominação encontra diferentes formatos discursivos para se perpetuar.

Figura 8: Cluster 6



Fonte: Autor

No Cluster 6, não temos nenhuma etiqueta central, mas temos agrupamentos de acordo com os vídeos que constroem uma rede de significação em torno da fetichização do ambiente escolar e das estudantes. Alguns elementos centrais como *schoolgirl*, *school*, *teacher* se relacionam de maneira direta com esse espaço,

porém, outras etiquetas como *glasses*, *stocking* e *panties* formam o imaginário da jovem estudante, com roupas e acessórios característicos.

Com menos centralidade, encontramos as etiquetas *curvy*, *ebony* e *black*, que apresentam menor densidade na rede de relacionamentos principal, ou seja, são palavras que aparecem um número menor de vezes. Além de serem pouco procuradas, essas etiquetas se encontram associadas ao contexto em que palavras como *orgy*, *gangbang*⁵⁶, *group* e *spanking*⁵⁷ aparecem. Ou seja, os corpos que não estão dentro do padrão esperado, citado anteriormente, possuem conexão com termos que caracterizam práticas violentas e com um número elevado de pessoas, num contexto de dominação e poder quantitativo. Associando essas etiquetas, temos um processo de racialização da mulher negra⁵⁸, no qual: “A mulher negra é um personagem também coberto no pornô inter-racial pela bestialidade, hipersexualizada, que, ao contrário com o que acontece com o homem negro, não domina, mas deve ser dominada.” (PAULO; RIBEIRO, 2017, p. 331). Dessa maneira, a mulher lésbica negra sofre um duplo processo de fetichização, pela cor e pela sexualidade.

Ademais, *squirting*⁵⁹ é uma etiqueta que também aparece nessa nuvem de significação que tende a termos que explicitem violência, ou seja, o mesmo fenômeno que acontece no Cluster 2, que é o do prazer feminino associado a algo difícil e que demanda brutalidade para acontecer.

Novamente, vemos o universo da mulher jovem e da mulher mais nova presentes nas etiquetas *mom*, *mature* e *babysitter*.

Juntamente dos elementos masculinos, as questões de parentesco vão remeter à necessidade constante da mulher em ser vigiada, em pertencer a algum tipo de hierarquia:

Trata-se de uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente livres. Como consequência, uma moral viril em que as mulheres só aparecem a título de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar e vigiar, quando as tem sob seu poder, e das quais, ao contrário, é preciso abster-se quando estão sob o poder de um outro (pai, marido, tutor). (FOUCAULT, 2015, p. 30)

⁵⁶ Sexo entre muitas pessoas. Geralmente é uma prática violenta no qual se tem um gênero como central.

⁵⁷ Prática do BDSM em que há o espancamento consentido de alguma das partes.

⁵⁸ <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10999949.2016.1162606?journalCode=usou20>

⁵⁹ Ejaculação feminina

Portanto, a moral que é endereçada à mulher é opressivamente masculina, na qual a mulher não pode ser deixada a sós, onde o seu prazer sofre de uma constante vigília, conservando, assim, seu *status* de objeto.

8. Considerações finais

A mulher lésbica, objeto dessa pesquisa, de acordo com a sua representatividade na pornografia, conforme mostrado através das análises das etiquetas associadas aos vídeos pornográficos, é uma mulher cujo corpo é segmentado e hierarquizado. As suas características físicas determinam que tipo de estímulo seu corpo deveria receber e que tipo de fetiche devem alimentar, dentro das cenas construídas para o prazer masculino.

As etiquetas, quando associadas entre si, criam pequenos universos nos quais conseguimos percorrer e traçar alguns estereótipos específicos femininos, como o da mulher mais velha, o da mulher mais nova, o da mulher negra, o da mulher gorda, dentre outras características. As mulheres lésbicas do universo explorado passam por diversos atravessamentos de sentido que culminam numa soma de penalizações, como a questão racial, étnica, características fisiológicas, dentre outras.

Segundo Lacan (2009), a mulher não existe. Pode-se dizer que, contrariando a todas as normas de poder, a mulher lésbica é uma resposta à resistência feminina mas, por mais que fale, ainda não é escutada, e na pornografia podemos ver o grito do seu silenciamento. A mulher lésbica, parafraseando Lacan, não existe. O que existe é um construto imaginário de que o feminino é a falta do que há no masculino.

Diante do que foi explanado, é importante ressaltar que a metodologia de Ciências de Redes e de Linguística de corpus tornaram possível a visualização dos dados sobre as percepções do mundo lésbico feminino: “à maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática.” (FOUCAULT, 2015, p. 34)

Dessa forma, apesar dos grandes números de acessos que vão se mantendo em evidência ao longo dos anos, a mulher lésbica é um ser ainda obscuro, que possui várias tentativas de significância: “Nesse sentido, as mulheres são o sexo que não é ‘uno’, mas múltiplo. “ (BUTLER, 2011, p. 31). As mulheres lésbicas se tornam alvo de uma representatividade construída ao longo de séculos dentro da indústria pornográfica, presentes dentro de um contexto de objetificação feminina que se atravessa e se polimorfa de significantes e vetores para perpetuar as condições silenciadas do desejo da mulher que mostram o seu prazer como um equívoco.

Referências

BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M.. Gephi: An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks. **International AAAI Conference on Web and Social Media**, North America, mar. 2009. Available at: <<https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/view/154>>. Date accessed: 26 Nov. 2018.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BERBER SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus: histórico e problemática**. DELTA, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 ago. 2018

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.

BRIDGES, Ana J. et al. Aggression and Sexual Behavior in Best-Selling Pornography Videos: A Content Analysis Update. Sage, The Authors, v. 16, n. 10, p.1065-1085, out. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1077801210382866>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2015.

DUARTE, Larissa Costa. O Pornogate de Ronald Reagan: pornografia, minorias e políticas sexuais.. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos, 2013. **Anais: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10:**

Desafios Atuais dos Feminismos, 2013.

FREITAS, Larissa Astrogildo de; CORRÊA, Ulisses Brisolara; FERNANDES, Angélica Alves. Mineração de Tweets. In: IBAÑOS, Ana Maria T. et al (Org.). **Pesquisa e Perspectivas em Linguística de Corpus**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. O Conservadorismo como Ideologia: Contribuições da Ciência das Redes para a Linguística Sistêmico Funcional. **Letras (UFSM)**, Rio Grande do Sul, n. 56, 2018. No prelo.

MACKINNON, Catharine A. **Toward a Feminist Theory of the State**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo, SP: Parábola, 2010.

RECUERO, Raquel. Métricas de Centralidade e Conversações em Redes Sociais na Internet: Desvelando Estratégias nos Debates Presidenciais de 2014. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 8., 2014, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Espm, 2014. p. 1 - 18.

RIBEIRO NETO, Alberto; CECCARELLI, Paulo Roberto. Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 37, n. 70, p. 15-22, jun. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 set. 2017.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PORNHUB. Disponível em: <http://www.pornohub.com> Acesso em: 30 ago 2018

SANTOS, Eliene da Conceição dos; MENDONÇA, Pedro Henrique Magalhães . **Análise do discurso de filmes pornográficos brasileiros na construção e reprodução do machismo**. 2016. 55 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10378/1/2015_MariaJuliaAlencastroVeiga.pdf; Acesso em 10 set. 2017

SOUZA, Maria Clara Paixão de. **Análise e Visualização de Redes: o Gephi**. 2013. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/2013/08/16/analise-e-visualizacao-de-redes-o-gephi/>; Acesso em: 13 set. 2017.

WATTS, Duncan. **Seis graus de separação: a evolução da ciência**. São Paulo: Leopardo, 2009.

ZAPPAVIGNA, Michele. **Searchable talk: the linguistic functions of hashtags**. Social Semiotics, v. 25, n. 3, p. 274-291, jan. 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2014.996948>; Acesso em: 30 ago. 2018.

HERITIER, Françoise. **Two sisters and their mother: the anthropology of incest**. New York, NY: Zone, 1999.

FELIPE, Jane; PRESTES, Liliâne Madruga. Erotização dos corpos infantis, pedofilia e pedofilização na contemporaneidade. **SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL-ANPED SUL**, v. 9, 2012.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A Pornografia e o Ocidente. **Revista (In) visível, Portugal**, 2011.

JUNIOR, Leconte de Lisle Coelho; OKABE, Monica Saemi. O Marco Civil da internet no Brasil: reflexões sobre a psicologia, pornografia infantil e a pedofilia. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 14, n. 1, p. 13-25, jan. 2015. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442015000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 dez. 2018.

WOLF, Alexandre. **Traçando uma visão geral da indústria pornográfica**. 2016.

Disponível em:

<<http://reporterunesp.jor.br/2016/05/31/tracandoumavisaogeraldaindustriapornografica/>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

PAULO, Lara Campos de ; RIBEIRO, Raisia Duarte da Silva. PORNOGRAFIA INTER-RACIAL: A DUPLA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS.

Revista de Direito Constitucional Internacional e Comparado, v. 2, n. 2, p. 321-338, 2018

LEITE JR, Jorge. A pornografia “bizarra” em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o “abuso facial”. **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro, Garamond, p. 509-536, 2009.

KADER, Cárta Callegaro Corrêa; RICHTER, Marcos Gustavo. Linguística de corpus: possibilidades e avanços. **Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 15, n. 1, 2013.

LACAN, Jacques. **O seminário; livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Coautoria de Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2009.